REVISTA DE ANTROPOLOGIA

Vol. 1.º

Junho de 1953

N.º 1

APRESENTAÇÃO

Desde a inclusão da antropologia nos cursos universitários do Brasil, medida que veio imprimir notável impulso ao desenvolvimento desse ramo científico em nosso meio, torna-se cada vez mais sensível a falta de revistas especializadas que, refletindo com a necessária fidelidade a marcha das preocupações antropológicas nos centros de pesquisa e de ensino, informem regularmente sobre resultados obtidos e trabalhos em andamento, discutam problemas de investigação e questões de ordem didática e facilitem, acima de tudo, a concatenação das atividades de institutos e de cientistas isolados. Embora excelentes, as poucas publicações de que dispomos são insuficientes para satisfazer a tôdas essas exigências, sobretudo no tocante à ligação entre os diferentes centros universitários do país. A "Revista de Antropologia" vem, por isso, juntar os seus esforços aos dessas publicações, pretendendo com o tempo, se os fados lhe forem propícios, tornar-se órgão especialmente de discussão e de coordenação de trabalhos. Convidar-se-ão cientistas do Brasil e do estrangeiro para relatarem as suas experiências e os resultados de suas pesquisas, e dar-se-á importância a abundante e criteriosa resenha bibliográfica.

Não deixa de haver, é claro, boa dose de temeridade neste empreendimento, que, embora contando com o patrocínio da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, não tem ainda os alicerces econômicos garantidos. Sem o sacrifício dos que nela trabalham e a cooperação ativa e eficiente dos que, em nossa terra, se interessam pelo desenvolvimento da antropologia, a revista não poderá firmar-se. Apelamos, pois, para a boa vontade de todos e, confiantes, encetamos o nosso caminho. Resolvemos fazê-lo de maneira singela e modesta, para que os percalços não nos venham desencorajar logo de saída.

Haverá, por certo, quem estranhe a amplitude do campo coberto pelos temas tratados nas páginas desta revista, objetando, com evidente razão, que não basta algum assunto científico dizer respeito ao homem para ser qualificado de antropológico. É difícil encontrar no mundo dois antropólogos que delimitem exatamente da mesma forma o domínio de seus estudos. As razões disto são bem conhecidas: grande variedade na organização dos quadros universitários, discrepância nas definições tradicionais dos diversos países, posições teóricas às vezes inconciliáveis, a formação especial do cientista e o seu interesse pessoal pelo estudo de certos problemas em detrimento de outros. Muita coisa depende simplesmente da história desta ou daquela cátedra de ensino e, não raro, do status de determinadas personalidades. Inúmeros são os casos de criação de cadeiras universitárias com o domínio didático recortado, mais ou menos ar-

bitrariamente, segundo as predileções e os pendores de um professor - que depois não deixará de encontrar uns tantos argumentos ponderáveis para demonstrar que a matéria por êle ensinada corresponde estrita e logicamente ao campo de uma ciência. É claro, pois, que não poderá haver uniformidade na delimitação da antropologia em face de outras disciplinas, nem tampouco na designação das especialidades correspondentes aos vários setores de seu campo de investigações. É um mal, evidentemente, mas, por outro lado, não há dúvida também de que o progresso da antropologia moderna é, em grande parte, resultante de esforços por conciliar pontos de vista e linhas teóricas e metodológicas diferentes e, ainda, por compreender e precisar determinadas posições da antropologia em face da história, da psicologia, da biologia e de outras ciências. O conflito entre as perspectivas no interior da antropologia, de um lado, e entre esta e disciplinas afins, do outro, é fator positivo na medida em que incentiva proveitosa competição cooperativa.

Como quer que seja, se há motivos para se delimitar uma Ciência do Homem, com objeto próprio, que não seja o de nenhuma outra ciência, não há como fugir ao requisito elementar e primário de colocar o homem no primeiro plano das pesquisas. É por isso mesmo não se há de arbitrária e forçadamente dividir a antropologia em, digamos, dois campos inteiramente distintos, considerando exclusivamente a um deles, quer o quadro natural ou o cultural, como objeto específico de suas cogitações. Ao que parece, o principal motivo das divergências é a inclusão do estudo da cultura no âmbito das preocupações antropológicas propriamente ditas. A nosso ver, não haveria muita razão para se estabelecer uma ciência antropológica, ao lado de tantas outras que estudam o homem, se não fôsse pela solicitação do espírito de apreender o fenômeno humano numa visão científica total, a fim de melhor discernir o que nele há de único, de característico, de genuíno. Como o homem não vive isolado de seus semelhantes, o objeto da antropologia compreenderá sempre a caracterização ou comparação de grupos humanos, e como a existência grupal é inconcebível sem a cultura, esta não pode ser ignorada pelo antropólogo. Em qualquer hipótese, portanto, tratar-se-á de estudar, de um lado, as raças, o homem físico enquanto agrupamento humano, com vistas ao cultural, e, do outro, o homem sócio-cultural, com vistas aos grupos raciais. Em última análise, a dualidade do objeto da antropologia é apenas aparente. É assim como nem todo estudo do homem como ser biológico se enquadra no campo da antropologia, assim não basta, por seu turno, analisar fenômenos culturais para fazer contribuição direta a essa ciência. Para tanto, é indispensável que o cultural seja investigado enquanto manifestação da vida de agrupamentos humanos, e o biológico em sua função de substrato natural de formas de sociedade e de cultura. É o objetivo último de toda cogitação antropológica há de ser afinal - salvo melhor juízo - o de interpretar as relações de interdependência entre essas realidades, aparentemente autônomas e desconexas, mas de fato jungidas por natural interdependência. Não significa isto, é evidente, que tal ou qual cultura seja criação necessária de tal ou qual raça ou, ainda, que uma raça seja produto

de determinado modo de vida grupal; significa somente, e já é fato de grande alcance, que nunca entenderemos satisfatoriamente os fenômenos raciais, nem os culturais, se não tratarmos de apreender as relações - quer necessárias, quer acidentais - que os prendem uns aos outros. Ninguém ignora que a vinculação entre a physis e a psychê humanas constitui o campo mais difícil da antropologia, tanto pela dificuldade de superar a heterogeneidade dos métodos disponíveis, elaborados uns pela psicologia e outros pela biologia, quanto pela desconfiança oriunda dos abusos e das numerosas conclusões levianas e precipitadas existentes na bibliografia paracientífica; mas não há nisso motivo para se descuidar dessa ordem de problemas, e os trabalhos que deles se ocuparem deverão ter acolhida preferencial nas páginas da "Revista de Antropologia".

Resta-nos, concluindo, agradecer aos colaboradores que nos honraram com suas valiosas contribuições para este primeiro número, solicitar mais uma vez o apôio moral e material de quantos cultivam a antropologia em nossa terra e, por fim, dirigir uma palavra de cordial reconhecimento ao Prof. Dr. Euripedes Simões de Paula, diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, cujo apôio franco e decidido tornou possível a realização da empresa.

E. Sch.